

PROCESSO DE TRABALHO DOCENTE

Refere-se a todas as ações, formas objetivas e subjetivas de organização, planejamento e avaliação do que é realizado nas práticas docentes em diferentes instituições escolares, nos diversos níveis de escolarização. Trata-se, portanto, dos fins e dos meios de todas as ações docentes, tanto em nível de sala de aula – trabalho pedagógico – quanto em nível de organização escolar – gestão do trabalho. Implica, pois, em formas de controle sobre o trabalho e no grau de autonomia em relação ao que é ensinado – fins da educação – e como é ensinado – controle técnico. O formato curricular, o conhecimento escolar e as tecnologias e materiais de ensino são parte constitutiva do trabalho docente. O tempo é uma categoria central para as análises do processo de trabalho docente, não somente no sentido de quão prolongado e estendido é o trabalho, mas também no sentido do ritmo no qual é realizado. Daí podem derivar inúmeras análises sobre jornada de trabalho, tempo de preparo e planejamento das atividades, processos de avaliação, sistema seriado, disciplinar ou integrado, montante de atividades, carga de trabalho, exigências de relatórios e preenchimento de formulários burocráticos. É importante destacar que o trabalho pedagógico é parte significativa do processo de trabalho, mas não pode ser tomado como sinônimo de trabalho docente. O processo de trabalho docente não deve ser reduzido a aspectos didáticos, pois se refere a formas mais amplas de organização e gestão do trabalho coletivo.

Os estudos sobre processo de trabalho docente são recentes. Após os clássicos estudos de Marx sobre o processo de trabalho, n'O Capital, somente com Braverman, as análises do processo de trabalho foram retomadas de forma criativa e original. A partir daí, tem-se algumas iniciativas de interpretação do trabalho docente desde uma abordagem centrada no processo de trabalho. Alguns estudos foram significativos para influenciar tal empreitada, com destaque para artigos e livros de Michael Apple e para a publicação da revista Teoria & Educação, n. 4, que traz um dossiê sobre Trabalho Docente, apresentando análises de autores tais como Enguita, Apple, Nóvoa, Tardif, Blás Cabrera, dentre outros. Esses textos impulsionaram os estudos sobre o tema no Brasil.

Outras dinâmicas sociais passaram a ser consideradas para uma análise mais complexa do trabalho docente, tais como classe, raça e gênero [ver outros verbetes]. As relações de classe e de gênero, em especial, passaram a ter uma importância ímpar por suas implicações políticas, econômicas e culturais para a docência, à medida que estão relacionadas com poder, jornada e carga de trabalho e com aspectos relativos à vocação e identidade.

A constituição do professorado caracterizou-se, desde o final do século passado, por processos de funcionarização – trabalhadores/as empregados e controlados diretamente pelo Estado, de feminização – aumento da força de trabalho feminina, e da feminilização – introdução de aspectos do feminino na docência. Isso produz efeitos muito significativos para as discussões em torno do magistério, com o aprofundamento de análises relativas à profissão, vocação, carreira, condições de trabalho, identidade, dentre outros aspectos. Por exemplo, a intensificação do trabalho – maior carga e volume de trabalho e aumento do ritmo numa dada quantidade de tempo (jornada) – está diretamente relacionada com a condição masculina ou feminina do trabalho. As professoras mulheres frequentemente realizam duas ou três jornadas de trabalho (trabalho na escola, trabalho doméstico e trabalho da escola feito em casa). A condição de gênero também aparece de forma significativa nas análises sobre vocação, profissão e identidade.

As condições de trabalho, carreira, precarização e intensificação são categorias cruciais para as análises relativas a profissionalismo e identidade docente. A condição de classe provocou discussões sobre a proletarização e profissionalização, com repercussões intensas para discussões sobre as identidades docentes. As características mais ou menos próximas a outras categorias de trabalhadores impuseram discussões muito acirradas sobre a condição de classe do professorado, ao mesmo tempo em que conduziram a inúmeros trabalhos sobre os processos de intensificação do trabalho de ensinar.

As reformas educativas das últimas décadas, com profundas mudanças nas formas de organização do trabalho, na estrutura e formato curricular, nas relações mais diretas com o mercado, aprofundaram a introdução de formas de controle gerencialistas sobre o trabalho docente, com repercussões muito acentuadas sobre a autonomia e a intensificação do trabalho. As formas de controle têm avançado para formas de autoadministração que

impõem não somente uma intensificação, mas também formas de autointensificação, distanciando o controle do local de trabalho, porém tornando-o mais efetivo mesmo que mais distante. Com efeito, os estudos vêm mostrando que essas modificações implicam em sérias e significativas mudanças para o trabalho docente em termos do poder discricionário e decisório sobre o que deve ser ensinado e o modo como deve ser ensinado.

ÁLVARO MOREIRA HYPOLITO

APPLE, M. W. *Educação e poder*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

APPLE, M. W. *Trabalho docente e textos: economia política das relações de classes e de gênero em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ANADON, S. B.; GARCIA, M. M. A. Trabalho escolar e docente nos discursos oficiais na revista “Nova Escola”. *Cadernos de Educação*, Pelotas, n. 25, p. 133-145, jul/dez, 2005.

CARVALHO, M. P. Trabalho docente e relações de gênero: algumas indagações. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 77-84, maio/ago., 1996.

COSTA, M. V. *Trabalho docente e profissionalismo*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

GARCIA, M. M. A.; HYPOLITO, Á. M.; VIEIRA, J. S. As identidades docentes como fabricação da docência. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 45-56, 2005.

HYPOLITO, A. M. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. Campinas: Papyrus, 1997.

LAWN, M. Os professores e a fabricação de identidades. *Currículo sem Fronteiras*, v. 1, n. 2, p. 117-130, jul./dez. 2001 .

OLIVEIRA, D. A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, 2004.

HYPOLITO, A.M. Processo de trabalho docente. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

SÁ, N. P. O aprofundamento das relações capitalistas no interior da escola. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 57, p. 20-29, maio 1986.

SANTOS, O. J. Organização do processo de trabalho docente: uma análise crítica. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 10, p. 26-30, dez., 1989.

TEORIA E EDUCAÇÃO. Porto Alegre: Pannonica, n.4, 1991.

VIEIRA, J. S. *Um negócio chamado educação*: qualidade total, trabalho docente e identidade. Pelotas: Seiva, 2004.